

Poesia

José Almino de Alencar

Canção do exilado¹

Se eu voltar a lamber as botas do passado,
Se eu voltar a chorar a memória da memória:
que me seque a mão direita!

Quando o teu calor vier
pelo vento tardio, deste verão tão puro
e corromper o meu tato;
e o roçar da tua nuca, me fizer tremer.
Se eu assobiar a tua mínima canção,
se eu procurar a tua boca
e o ruído das tuas ruas estrangular o meu coração:
que me cole a língua ao paladar!

Ó devastadora filha de Babel,
feliz quem devolver a ti
o mal que me fizeste!

Não pedirei mais
perdão às virtudes do passado.
Repetirei, em desassombro
se eu lembrar de ti, Jerusalém
com os que diziam:

¹ Mais!, *Folha de S. Paulo*, 12 maio 2002.

"Arrasai-a!
Arrasai-a até os alicerces!"

Evocação da Avenida Norte²

Não tenho pais, nem irmãos, parentes ou amigos:
estou só na Avenida Norte.
Me encanta a Avenida Norte.

Me encanta o seu nome cardinal,
a minúscula Assembléia de Deus,
o homem cotó,
a gente feiinha, a gente feiazinha.
Irei para o Arruda, para Beberibe,
ou ficarei na Encruzilhada.
Estarei sempre na Avenida Norte.

Eu quero a Avenida Norte, como *a mulher que passa*.
Para trás os *ingleses cobertos de tapuru*,
na sombra das palmeiras do cemitério dos ingleses;
Abreu e Lima morto e enterrado.
Não quero.

Não quero:
As jaqueiras de Casa Forte,
o remanso do rio no Poço da Panela,
tampouco.

² *Poesia sempre*, ano 9, n.º 15, Rio de Janeiro, nov. 2001.

Eu quero a Avenida Norte.

Tenho a *pedra de Zalagh*

Mais a argila do Saïs:

Breve serei muito menos.

Terei a Avenida Norte.

Olinda 2001³

No meu tempo, meu Deus, firmava-se o mundo,
no verbo duro, na rotina da paisagem,
se é que eu possa ver:
o meu tempo, meu Deus, é um tanto vago.

Ou seria uma fera ensimesmada.
No seu próprio pêlo submersa,
e que sufoca, neste instante, retesada?
Fica a cismar sobre o tempo e ninharias
e a remoer o que deve e lhe é devido
e a sonhar com a vida e o que é velado
a invocar esse Deus, na minha boca,
e na memória de homem assustado;
esse Deus tão inerte
e que não serve.

No meu tempo, havia uma Estrada dos Remédios
e a palavra arrebol me encantava

³ *Poesia sempre*, ano 9, n.º 15, Rio de Janeiro, nov. 2001.

como essa chuva que desaba, enxágua
e passa.

Poema⁴

Murilo adentro,
metido a Murilo (não)
sinto-me compelido
ao trabalho literário.
Nem sempre,
pelo menos é o que digo
quase sempre.
Às vezes sofro,
sopro
como uma pequena ferida,
sua ausência
ardendo, vermelha e ácida,
ao toque do cuspe,
(um pouco de cuspe nesta chaga
modesta e incômoda).
Caminho clandestino,
e a contraluz tateio:
o suor me enfeita a testa.
Penso, não penso,
a camisa aperta a barriga
a desmesura.

⁴ *Remate dos males*, n.º 21, Campinas, 2001.

Vivo assim manejando sempre
o verbo pedir.

De substrato católico,
torno a arder
quase sempre.
É assim.

Ora direis, que papo é esse
ó cara, ó mano?
Nessa natureza morta
esses homens são subúrbios longínquos.
Sair, hoje?
Não.
Nem pensar.

Poeta pernambucano⁵

A primeira (e a segunda) mulher
ignoravam
a palavra guenzo.

Doía-lhe,
Na memória acesa,
essa palavra carente de sentido,
miúda e enfezada,
que porventura não as havia
alcançado

⁵ *Inimigo Rumor*, Rio de Janeiro, 8 maio 2000.

Resíduo

Às vezes um botão. Às vezes um rato.
Carlos Drummond de Andrade

Lavo, esqueço
(como?)
a tua agonia e a sobremesa do dia a dia,
breve cansaço do teu corpo.

Lavo, esqueço
tudo (como?)
o que não quero
e que sobrou
um pouco.

Um lugar comum⁶

Sáímos de uma noite, entramos noutra,
Nós somos um só dia, e nós contamos
Nossos minutos pelas nossas dores
Souzândrade

Nada como um dia após o outro.
Nada,

⁶ *Inimigo Rumor*, Rio de Janeiro, 8 maio 2000.

um imenso meio-dia, sem descanso:
minério de veio antigo
seco pranto;
cascalho pisado,
natureza bruta
sem espanto.

Um soneto de John Donne⁷

Oh! Morte, que alguns dizem assombrosa
E forte, não te orgulhes, não és assim;
Mesmo aquele a quem visastes o fim,
Não morre; não te vejo vitoriosa.
Vens em sono e repouso disfarçada,
Prazeres para os que tu surpreendes;
E o bom ao conhecer o que pretendes
Descansa o corpo, a alma libertada.
Serves aos reis, ao azar e às agonias,
A ti, doença e guerra se acasalam;
Também os ópios e magias nos embalam,
Como o sono. De que te vanglorias?
Um breve sono que a vida eterna traz,
Golpeia a morte, Morte morrerás.

Por que eu só, entre tudo, sou condenado,
E a espécie bruta escapa à sorte:
Serpente e o fruto que trouxeram morte,

⁷ (Tradução para *Jornada de um poema*). Mais! *Folha de São Paulo*, 5 março 2000.

A vil luxúria, a besta do pecado?
Por que deve a razão, que é o meu legado,
Tornar uma boa ação, gesto odioso?
E o perdão sendo fácil e glorioso,
Senhor, por que o teu semblante irado?
Mas quem sou, nada, não ousarei me opor
Ao meu Deus; que o Seu sangue valioso
Junte-se ao meu pranto, em rio caudaloso
E afogue a perfídia, a minha dor;
Que a muitos servem Vê-lo castigar
E um gesto teu, Senhor, pode apagar.

Death be not proud, though some have called thee
Mighty and dreadful, for, thou art not soe,
For, those, whom thou think'st, thou dost overthrow,
Die not, poor death, nor yet canst thou kill me.
From rest and sleep, which but thy pictures be,
Much pleasure; then from thee, much more must flow,
And soonest our best men with thee doe go,
Rest of their bones, and soules deliverie.

Thou art slave to fate, chance, kings, and desperate men,
And dost with poison, war, and sickness dwell;
And poppy or charms can make us sleep as well
And better than thy stroke. Why swell'st thou then?
One short sleep past, we wake eternally,
And death shall be no more, death, thou shalt die.